



Lagoa da música, de Pedro Wayne: ecos da História e do Imaginário do pampa gaúcho

Vera Lúcia Cardoso Medeiros*

Resumo: o artigo apresenta a obra *Lagoa da música*, coletânea de contos, lendas e causos concebidos e recriados por Pedro Wayne (1904-1951), escritor que viveu em Bagé, Rio Grande do Sul. É feita a síntese das principais histórias e a análise dos procedimentos narrativos adotados, os quais indicam a preocupação do autor em preservar a memória e as vozes da população local e seu respeito para com a sabedoria popular. As análises permitem afirmar que Wayne articulou literatura escrita e oralidade, modernidade e tradição, História e Imaginário, atitudes artísticas e intelectuais que o integram ao Modernismo, movimento literário do qual foi contemporâneo.

Abstract: this article presents the book *Lagoa da música*, a collection of stories, legends and causos designed and recreated by Pedro Wayne (1904-1951), writer who lived in Bagé, Rio Grande do Sul. It presents the stories and analysis of the narrative procedures adopted, which indicate that the author preserves the memory and voices of local people and their respect for the popular wisdom. The analyses show that Wayne articulated written and oral literature, modernity and tradition, History and Imaginary; artistic and intellectual attitudes that integrate him into the Modernism, literary movement with which he was contemporary.

Palavras-chave: Pedro Wayne; *Lagoa da música*; causos; lendas; oralidade; literatura escrita; História; Imaginário.

Key words: Pedro Wayne; causos; legends; orality; written literature; History; Imaginary.

Os incrédulos, homens que lêem livros complicados e enredadores, ignoram por certo que a água das lagoas e dos rios, na campanha, guarda consigo o espírito dos gaúchos valentes e sinceros que são pela liberdade de seu povo... (Pedro Wayne)

Pedro Wayne é um importante nome na vida cultural da cidade de Bagé, localizada na metade sul do estado do Rio Grande do Sul. Wayne descende de ingleses que vieram para no Brasil a fim de trabalhar na construção de estradas de ferro na região norte. Ele nasceu na Bahia, em 1904, e, em 1906, sua família transferiu-se para a cidade de Pelotas. No ano de 1927, o jovem Pedro passou a morar na cidade de Bagé, como funcionário do Banco Pelotense, e aí viveu até sua morte em 1951.

Após a falência do banco, Wayne desempenhou diferentes atividades profissionais, mas jamais deixou de envolver-se com a vida literária e cultural da cidade e também do país.

* Doutora em Literatura Brasileira pela UFRGS; Professora do Curso de Letras da Universidade Federal do Pampa (UNIPAMPA); integra o grupo de trabalho “Literatura oral e popular” da Anpoll.

No arquivo de textos publicados, guardados e organizados pelo próprio Wayne e doado por sua família à Biblioteca Municipal de Bagé, constata-se que ele esteve em contato com grandes escritores do período e trocou correspondência com Jorge Amado, Oswald de Andrade, Carlos Drummond, Erico Verissimo, Mário de Andrade. Além de circular no meio literário, Wayne abrigou em sua casa o “Grupo de Bagé”, que reuniu nomes de jovens gravuristas da região, e ainda esteve envolvido com atividades políticas.

No campo literário, Pedro Wayne escreveu poemas, romances (entre eles *Xarqueada*, de 1937), textos dramáticos e um conjunto de narrativas, *Lagoa da música*, cuja primeira edição em livro ocorreu em 1955 e deveu-se à iniciativa dos amigos Manoelito de Ornellas, Heraldo Duarte e Paulo T. Silveira Camargo. No ano 2000, foi feita uma segunda edição da obra, com tiragem de cem mil exemplares.

Neste artigo, pretende-se apresentar a obra *Lagoa da música*, a qual resgata e recria o imaginário do pampa gaúcho e articula História e ficção, oralidade e literatura escrita. Nas palavras iniciais que WAYNE (2000) dirige à cidade que escolheu para viver e cujos limites à época eram bem mais amplos do que os atuais, ele sinaliza as articulações que serão realizadas ao longo do volume.

BAGÉ

Meus sonhos à medida que se realizavam, num todo se uniam, formando um traçado que hoje vejo ter a configuração geográfica do teu mapa.

E assim em mim se confundem, teu solo e a terra encantada da ilusão. (WAYNE, 2000, p. 13)

“Passo das mortes”, “Carvão”, “Caulim”, “Tesouro dos jesuítas”, “Lagoa da música”, “Rincão da preta”, “Panela do Candal” e “Água da bica” são as narrativas principais do livro. Entremeadas a essas, em comentários do narrador, há referências a outros causos. De um modo geral, todos ”(WAYNE, 2000, p. 13) buscam explicar a origem de elementos ligados à natureza, destacar episódios e personagens históricos e exaltar os valores e a bravura da gente do lugar .

“Carvão” e “Caulim” são narrativas que têm estrutura lendária e explicam a origem do solo da região, ainda hoje valioso. O carvão, “precioso combustível”, segundo o narrador, é tão abundante que “... chega a andar solto por cima do chão” (WAYNE, 2000, p. 35) e surgiu numa noite feíssima, no começo dos tempos, quando desabou do céu em convulsão, “afundando-se no mar encapelado que se debatia por cima do que é hoje o plano firme em que pisamos” (WAYNE, 2000, p. 36).

“Caulim” é uma narrativa mais elaborada, em que, para contar o surgimento da argila branca utilizada para o fabrico da porcelana, WAYNE (2000) recorre a elementos simbólicos

que asseguram universalidade ao caso que nasce embrenhado nas profundezas do pampa gaúcho. O “... barro para louça vidrada e modelagens de esculturas” surgiu “... em época que memória alguma recompõe, talvez mesmo tenha se dado antes de por essas zonas o primeiro matrimônio de bugre ter surgido” (WAYNE, 2000, p. 39). Nesse tempo tão longínquo, um lenço de cambraia branca, enterrado junto ao corpo de um homem que enlouqueceu de amor por uma misteriosa mulher desaparecida nos ares em noite de vento forte, origina o caulim, conforme evidencia o trecho final da narrativa, em que essa gênese é sintetizada.

O pedacinho de pano, com a umidade do solo e a decomposição do sepultado, apodreceu e inchou, cresceu de tamanho e se converteu em líquido alvinitente correndo por baixo dos morros, infiltrando-se sob as pedras, encharcando por dentro o chão em camadas lácteas que descem fundo e se alongam, depois engrossando, transformado em massa se compôs em caulim. (WAYNE, 2000, p. 43)

Wayne recorre a uma importante fonte do imaginário gaúcho, o ciclo missioneiro, no caso do “Tesouro dos jesuítas”, que remonta ao ano 1750 e à Guerra das Missões. Em Santa Tecla, ponto final dos Sete Povos das Missões situado onde hoje está a cidade de Bagé, foram enterradas “... centenas de barras grandotas, umas quantas estátuas de apóstolos de tamanho de criaturas naturais, tudo de ouro maciço...” (WAYNE, 2000, p. 46) e cofres recheados de prata. Tudo isso ficou aos cuidados do índio Cumbaé-avá, que até a morte dedicou-se ao cumprimento de sua missão. Mesmo depois de morto, não deixou de guardar o tesouro escondido; sua alma, ainda hoje, luta para preservar a riqueza missioneira da cobiça dos aventureiros, que têm o curso de suas escavações desviado pelo fantasma do índio vigilante.

Feitos e personagens da História da região estão presentes em várias narrativas. “Passo das mortes”, por exemplo, ambienta-se em 1825, quando inicia a Guerra Cisplatina (1825-1828) pela posse da Banda Oriental, e o argumento histórico é utilizado para destacar a valentia do personagem Maneca Camoatim e ressaltar a paisagem natural. Outro episódio, a Revolução Farroupilha (1835-1845), é evocado para explicar a origem do dizer “quem bebe água da bica aqui fica”. A água sedutora, capaz de reter os forasteiros na cidade de Bagé, mesmo aqueles oriundos “de capitais com tudo o que é melhoramento e luxo”, nasceu das lágrimas da noiva de um soldado farrapo que partiu para a batalha em 1836 sem jamais retornar, como aponta o trecho a seguir transcrito: “O solo juntando seu pranto foi formando a nascente que dava aos que dela bebiam a ânsia de ficar e aflição de voltar aos que, desobedecendo ao apelo da morta, teimavam em partir” (WAYNE, 2000, p. 95).

Em “Lagoa da música”, WAYNE (2000) recria uma narrativa conhecida na região e que também parte de um acontecimento histórico, a Revolução Federalista (1893-1895). A

flora e a fauna que cercam a lagoa são descritas em detalhes e lirismo, conforme o trecho seguinte:

A alegria da chuva ainda cantava na água que corria e se despencava em cachoeiras. Era a mais exuberante das lagoas do Rio Negro em ruidosa manifestação.

Lagoa bravia, simpática e poética como se fosse ela a fonte do caráter do gaúcho. (WAYNE, 2000, p. 54).

Garças, colheireiros, maçaricos, marrecas, tajãs, pombas, cruzeiras, preás, lontras, zorros, zorriolhos, tatus, mulitas, jundiás, traíras, pintados, toda a bicharada da região é enumerada pelo narrador, que procede como artista realista, ocupado em recompor uma cena. Entretanto, o cuidado com o registro das espécies animais e vegetais da região não dispersa o encantamento do lugar, e há um instante em que todo o ruído cessa, e a lenda faz-se.

É quando chegando às dezesseis horas, vai se realizar o antigo rito do encantamento daquelas águas.

Então, lá do fundo de certo trecho da Lagoa, vem um som harmonioso que pouco a pouco vai aumentando de intensidade até que, aflorando à tona, estruge forte e enérgico, deixando atônitos os que não estão acostumados com ele. Mas os dali sabem que é o encantamento produzido pelo sangue de trezentos e muitos gaúchos degolados, com seus corpos atirados na Lagoa, que está se realizando. (WAYNE, 2000, p. 57).

O som encantado que emerge da lagoa contrapõe-se à crueldade que o origina. Do fundo da lagoa, contam os mais velhos, ouve-se ainda hoje o toque de “cessar fogo” emitido pelo clarim de um jovem e valente combatente. O narrador sabe que a versão popular é contestada através de argumentos lógicos e científicos; ele, contudo, segue acreditando nas palavras do povo da terra, em posicionamento que atravessa a obra e que será adiante comentado. Por enquanto, vejamos seu comentário:

Os incrédulos dizem que os sons harmoniosos ali ouvidos, nada mais são do que fenômenos de acústica.

Querem explicar que, no leito da Lagoa, por ser lugar de carvão, deram-se escavações formando galerias subterrâneas que se vão ligar com outras, já meio soterradas existentes em terra firme, e que o ar vindo destas, ao atravessar as águas, produz como uma música de flauta gigantesca.

Isso não deve ser verdade, porque não concordam com essas definições o Carocha, o João Grosso, o Isabelino, os Feijós, o velho Tomásio, o Alemão, o Marcos e todos aqueles que nas rancharias sempre viveram, os únicos conhecedores da alma e dos segredos daquela região. (WAYNE, 2000, p. 59)

Outra história que circula na cidade de Bagé mesmo em tempos atuais e também recriada por Pedro Wayne (2000) é a da “Panela do Candal”. Ela pode ser inscrita no ciclo de lendas da Cobra Grande, parte do imaginário amazônico, ou da Boitatá, embora guarde peculiaridades locais.

Na recriação da WAYNE (2000), a trajetória do monstro rastejante acompanha o surgimento e desenvolvimento local. O caso do “animal enorme”, “bicho de imensidão de

metros, todo ele cobra de um olho só” surgiu por volta de 1811, atesta o narrador, que repete palavras dos antigos. Então, o tempo era de calma, havia apenas banhados, campos brutos, um ou outro índio, e o monstro vivia de forma pacata, em sintonia com os demais seres que ali habitavam. A formação da aldeia, quando estranhos iniciam a construção de casas e invadem a terra, conta o narrador, provoca o deslocamento da fera.

Então buscou esconderijo seguro.

Retirou-se das proximidades dos cerros, para livrar-se dos que ali se instalavam, refugiando-se na parte íngreme da Panela do Candal.

Não mais ruidosas manhãs encantadas, onde a passarada em rebuliço risca o espaço de asas e comemora o dia com cantilenas variadas, o encontro úmido de orvalho exposto ao esplendor do tempo. Metido nas tocas escuras dos rios, encurralado em acanhadas aberturas de erosões das águas, começou a curtir fome.” (WAYNE, 2000, p. 82).

Desse momento em diante, nunca mais a cobra terá sossego e poderá expor seu corpo horrendo à luz do sol sem riscos. É ela a explicação do sumiço de gente e de animais nos banhados em torno da cidade, acreditam “... os que sabem com certeza que muitos mistérios que não são coisas desse mundo...” (WAYNE, 2000, p. 90).

Quem hoje chega à cidade de Bagé, em seguida ouve falar da “Panela do Candal”, situado na região central, onde o monstro,

... há bem pouco, durante uma quinzena em que se desaveio com seu natural, deu pinotes e se torceu tanto no que passa embaixo da Matriz, que rachou paredes, fez cair rebocos, alteou piso, descascou pinturas e, se não calçassem às pressas a igreja, ela desabaria.” (WAYNE, 2000, p. 90).

A lenda da “Panela do Candal”, na obra de Pedro Wayne (2000), tem a função de mostrar qualidades da gente do lugar, como explica o narrador:

... todos os casos sul-riograndenses, conservados através dos anos e genuinamente crioulos, têm por objetivo, na figura de seu principal personagem, celebrar bravura e revolta.

O da Panela do Candal, bageense legítimo como é, tem sua gênese nos fundamentos psicológicos do povo, portanto revela esse espírito altivo, de quem não se amesquinha ante poder nenhum.” (WAYNE, 2000, p. 75)

No caso, a cobra de um olho apenas que repousa sob a cidade representa tal espírito altivo, já que ela resiste aos invasores que tentam alterar o equilíbrio inicial entre o espaço e seus habitantes e que, por pura maldade, insistem em importuná-la e ferir-lhe.

Até aqui foi apresentado o enredo das principais narrativas que integram o livro *Lagoa da música*, com o intuito de revelar o rico imaginário que elas apresentam. Como fica evidente, esse imaginário surge estreitamente vinculado a episódios da História da região.

A partir deste ponto, pretende-se destacar outro aspecto da obra: o narrador. Muito presente em toda a narração, ele informa o leitor sobre a origem das histórias, seus

personagens, faz comentários e julgamentos e ainda reflete sobre as fronteiras entre o saber do povo e dos “graúdos”. O narrador apresenta-se, posiciona-se, torna-se mais um personagem da obra. Embora não se identifique, é impossível não associar o narrador ao próprio autor, em função de informações referentes a seus ancestrais ou às circunstâncias em que a obra foi concebida, durante a doença fatal da filha de quinze anos. Então, a partir de determinadas intervenções do narrador, podemos fazer conjecturas sobre o modo como o escritor Pedro Wayne tratou de questões relacionadas às relações entre História e imaginário, literatura escrita e oralidade, saberia popular e “saber dos livros”.

É do narrador a definição de que a obra tem estilo multiforme, o qual se deve a suas origens. O avô pertenceu à tribo Carijó e colocou-o em contato com histórias das populações indígenas da região; um parente português, do lado materno, incitava-o aos estudos sérios, enquanto que outro, herói da Guerra do Paraguai, era adepto da sátira e da ironia. Do lado paterno, “circunspectos ingleses” recomendavam “cenas mais estéticas e fraseado correto. Já um tio avô de Pernambuco, padre, procurava encaminhar o narrador para o “caminho da religião e da fé salvadora” (WAYNE, 2000, p. 29). Toda a diversidade dessa procedência marca sua obra, como sugere o fragmento seguinte:

Por sua vez, indivíduos rústicos e campeiros, tanto da fonte materna quanto paterna, regozijavam-se com o assunto em sua quase totalidade e nele se metiam, só não ficando gostosos quando o português ou os ingleses tomavam conta de determinados trechos e se punha a dissertar eruditamente. Assim, ao escrever este livro, minha individualidade foi se subdividindo, dela destacando-se tantas camadas quantas são as que, acumuladas e superpostas através das gerações que me antecederam, haviam-se, por fim, fundido numa única predominante.

Por isso é ele [o livro] apresentado contradizendo-se às vezes em suas afirmações, de estilo multiforme, variando a forma de narrá-lo, desobedecendo em tudo o rigor das normas literárias, desviado que é constantemente pelo tumulto dessa desagregação de tendências em conflito, entregue ao domínio dos “eu” que a todo o instante se revezam. (WAYNE, 2000, p. 29-30)

Observa-se, no longo trecho transcrito, a simpatia do narrador e do autor em relação aos tipos autóctones, “indivíduos rústicos e campeiros”, perspectiva que será mantida em toda a obra.

Na raiz do conflito expresso acima pelo narrador, estão as relações entre literatura escrita e oralidade, entre o saber acadêmico, “dos livros” e o popular. Esse embate de saberes motiva as digressões que o narrador faz antes de iniciar o relato da origem do caulim, por exemplo, e seu respeito pelo conhecimento popular parece evidente na seguinte passagem, em que vincula as credices ao imaginário coletivo e ancestral: “Nessas suposições aparentemente absurdas, tidas como grosseiras credices engendradas pela simplória

concepção do homem rústico, quem sabe quanto não anda de rememorações ancestrais do que foi testemunho em sua origem mais remota?” (WAYNE, 2000, p. 38).

Não se trata apenas de respeitar as “conjeturas de gaúchos crus, sem letra nenhuma”, o narrador também valoriza o testemunho do povo e a força da tradição. Em certo trecho, é nítida a intenção do escritor em registrar as histórias ouvidas e sua poesia para que elas não desapareçam:

Vontade não me falta de juntar esses causos bonitos e enternecedores, poesia que anda em formas diferentes, dispersa em cada recanto do meu Estado, antes que o tempo os vá gastando até fazê-los sumirem-se da memória do povo, tragados por uma época em que se modifica de todo o espírito que os criou e têm mantido. (WAYNE, 2000, p. 60)

Para concretizar o intento de “juntar causos bonitos”, Pedro Wayne (2000) entra em contato efetivo com a gente da região, segundo a próxima transcrição:

Repetirei, colhido no local, o que ouvi de sua gente, domadores e carreteiros, alambreadores e peões de estância, plantadores de trigo e açudeiros, esquiladores e tropeiros, com eles conversando nos galpões e nas viajadas, nas lavouras e nos boliches, nas reuniões de carreiras e nas festas da chegada dos padres, com suas mulheres e filhas, nos ranchos ou na beira dos arroios e das lagoas enquanto esfregando e estendendo roupas me narravam os feitos milagrosos, curas de doentes que mão de médico não dá jeito... (WAYNE, 2000, p. 61-62)

As manifestações do narrador remetem a certos propósitos e atitudes do Modernismo no Brasil, sobretudo no que diz respeito à valorização do saber popular e a seu aproveitamento como fonte do trabalho artístico nas diversas formas de expressão. Tal postura é reiteradamente assumida em *Lagoa da música*, e os personagens das narrativas representam as pessoas mais simples, a gente do povo, mesmo nos enredos que remetem a episódios históricos pomposos, como as várias guerras a que assistiu a região. É verdade que tanto a postura empenhada do escritor, a qual repercute no narrador da obra, quanto a simpatia pelos tipos populares e anônimos beiram a idealização, mas é igualmente certo que essas atitudes desdobram-se na adoção de posicionamento ideológico notado na segunda fase do Modernismo. E, se Wayne beira a idealização ao representar a gente campeira, ele também percebe sua vida sofrida e injusta. Em várias passagens, o narrador comenta essas pesadas condições de vida e de trabalho, caso dos mineiros, por exemplo.

Do ponto de vista estritamente literário, pode-se até especular se a obra *Lagoa da música* teria sido publicada pelo autor do modo como efetivamente o foi – vale lembrar que a primeira edição do livro é póstuma -, em função de inconstâncias ou repetições na condução da narrativa. Aqui vale referir que Pedro Wayne escreveu os contos em duas etapas, segundo afirma no curso da narração. A idéia do livro surgiu em 1945; desse ano até junho de 1951, foram escritas doze páginas, que, na edição publicada em 1955, compõem a parte final da

obra. Considerando que Wayne faleceu em outubro de 51, as demais narrativas da obra devem ter sido escritas em período anterior a 45. Esse intervalo de produção das histórias causa a diferença naquilo que o autor mesmo denomina “sistema de apresentar as narrativas” (WAYNE, 2000, p. 51). Uma diferença evidente está nos comentários do narrador, então plenamente identificado ao autor, sobre a doença da filha. É entre uma dose e outra de remédio que ele vai recordando dos casos ouvidos na cidade e seus arredores. Apesar disso, não se percebe uma alteração mais profunda na narração, e o mesmo respeito à voz e à sabedoria dos mais velhos e dos moradores da região faz-se presente em toda a obra. Em todo o caso, *Lagoa da música* está a merecer um estudo aprofundado de sua gênese e criação!

Uma imagem elucidativa do perfil humano e intelectual de Pedro Wayne e que pode contribuir nas ponderações acerca do seu modo de conduzir a narração em *Lagoa da música* e do trato com o popular e o oral pode ser construída a partir de uma de suas crônicas publicadas em 1936, no jornal *Folha da Tarde* de Porto Alegre.

Eis os primeiros parágrafos do texto:

Precisamos deixar ir de procurar cousas da vida que não se conhece, em esconderijos distantes. Antes de cogitarmos de buscar nos meios das selvas e dos paizes longínquos, aspectos pouco divulgados, para embasbacarmos os leitores com essas descrições, é preciso que tratemos de tornar-lhes conhecedores do que anda em torno delles e ninguém sabe.

Para que contar o que e passa no Amazonas, o que tem a Pérsia ou o Indostão de diferente de nós, se não estamos ao par do que corre na “Villa do Torrão”, se não temos a mínima noção do que possa ser a existência das famílias que moram ahi pela beira das estradas que vão pro interior do município. Quem gosta de ver como a vida é feita, se interessa pelos seus diversos quadros, e não somente pelo que ella é aparentemente, não precisa se afastar muito das immediações de sua residencia.

É só botar de lado preconceitos e amor ás commodidades e encontrará um mundo interminável para ser desbravado pela sua curiosidade. E para isso, precisa, creio, maior coragem do que para se internar por florestas virgens, fazer viagens complicadas. Muitas vezes penetrar num beco, ganhar a confiança de seus moradores, conviver com elles em seus casebres imundos, desperta muito mais motivos à nossa imaginação do que atravessar rios em jangadas, provar pratos exquisitos, matar jacarés e escapar por um triz de ser comido pela mais feroz tribu anthropophaga. (*Folha da Tarde*, Porto Alegre, 10/11/1936)¹

Em atitude que revela sintonia com alguns dos rumos tomados pelo Modernismo brasileiro nas décadas de 1920 e 1930, WAYNE (1936) alimenta sua imaginação daquilo que está próximo, da paisagem conhecida e, talvez por isso, esquecida; em atitude empenhada, a mesma notada no narrador de *Lagoa da música*, como já referido neste artigo, ele entra nos casebres da população, com quem efetivamente convive.

Na mesma crônica de 1936, ele conta que conheceu o interior de seu município como “chauffeur de caminhão de aluguel”, atualizando assim os ofícios dos narradores tradicionais enumerados por Walter Benjamin (1994): o camponês arcaico e o marinheiro comerciante. O

¹ Na transcrição dos trechos, foi preservada a forma original.

respeito e o valor com que trata a sabedoria popular e sua imaginação podem ser marcas do período em que conviveu com os tipos sociais mais diferentes, como se lê na seguinte transcrição:

Descalço, em mangas de camisa, descarreguei vagons da Viação Férrea. Cruzei as ruas de Bagé transportando barricas e engradados para as barracas e armazéns. Fiz mudanças levando moveis para casas de famílias. Fretes para e campanha. Mais de uma vez passei a fronteira do Uruguay, tirando pelludos e dormindo no campo.

Agarrado ao guidon conheci os horrores de nossos caminhos, cuidando que com os solavancos não cahisse algum fardo de carga. Nessa época foi que entrei em contacto com a gente humilde dos arredores. Não houve recanto, por mais pobre, com casa de pedaços de caixões e lata em que eu não tivesse relações.

Os carregadores da estação, os carroceiros, que me ensinaram como botar um saco nas costas, descarregar um carro de tramas, arrumar uma partida de lenha, ficaram até hoje incluídos no ról dos meus velhos camaradas. E não podia deixar de ser assim. Se junto, acorados, ao pé das carroças, fizemos lado a lado as refeições de salame, bolacha e rapadura. Se defronte ao balcão das vendas, na mesma roda tomamos os tragos de cachaça no copo que passava de mão em mão. Se por diversas vezes, accendi com meus phosphoros, quando a noite se fechava, a vela de sebo no casebre de um dos que me ajudára no serviço, e a quem eu fôra levar no caminhão. (Folha da Tarde, Porto Alegre, 10/11/1936)

A figura da roda de causos em torno da fogueira, no interior do galpão ou ao relento, soma-se a essa outra, materialmente mais moderna, talvez, mas espiritualmente, digamos assim, semelhante, uma vez que a necessidade humana de partilhar os feitos do dia que passou e de projetar a próxima jornada não se altera.

Essa imagem do “chauffeur” de caminhão circulando pelo interior do município de Bagé nas primeiras décadas do século XX irmana-se ao relato da ancestralidade do narrador já apontada neste artigo. Pedro Wayne parece ter sido, como sujeito e como artista, alimentado pela diversidade e pela pluralidade, de modo que a articulação entre História e ficção ou imaginário, literatura escrita e oralidade, saberes distintos, tantas vezes aqui mencionada, resulta em obra que merece ampliar sua recepção e ser investigada.

Lagoa da música é obra que nos conduz pela riqueza da História e do Imaginário de uma região de peculiaridades naturais e, por isso, de grande e crescente importância – o bioma pampa; ao mesmo tempo, sua leitura nos aproxima do universal e ancestral prazer de ouvir e contar causos.

Referências

BENJAMIN, Walter. O narrador. Considerações sobre a obra de Nikolai Leskov. In: _____. *Obras escolhidas*. Magia e técnica, arte e política. 4.ed. São Paulo: Brasiliense, 1994.

WAYNE, Pedro. *Lagoa da música*. Porto Alegre: Evangraf, 2000.

_____. Um mago bageense. in *Jornal Folha da Tarde*, Porto Alegre, 10/11/1936.

_____. *Xarqueada*. 2.ed. Porto Alegre: Instituto Estadual do Livro/Movimento, 1982.